

Directora: **Nassalete Miranda**
16 Setembro de 2015
Nº 153/154 | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

24 de Setembro
Embaixada de Portugal
em Bruxelas

MARIA ANTÓNIA JARDIM

2.^a
EDIÇÃO

**SIR FERNANDO
PESSOA**
O RELÓGIO DE BOLSO QUE ESCONDE UMA HISTÓRIA



MEMÓRIA

16 setembro 2015 | 12
AS ARTES ENTRE AS LETRAS



Ramiro Teixeira
crítico literário

Bento da Cruz [1925-2015]

O Barroso sempre presente

Quando eu me criei, a minha aldeia era redondamente analfabeta. Nem correio, nem jornal, nem rádio. Em televisão ainda ninguém falava.

Mau grado o analfabetismo e isolamento, aí por finais de Julho de 1936, chegaram a Peirese notícias de guerra em Espanha.

Atrás das notícias vieram alcaiteias de lobos e grupos de homens. Os lobos vinham fuxidos aos tiros dos canhões. Os homens ao recrutamento militar.

Bento da Cruz, por memória e idiossincrasia natural, manteve-se sempre vinculado ao sentido antropológico e etnográfico do universo barroso, produzindo obra viva e picaresca, através de relatos de vivências ancestrais, evidenciando uma capacidade notável de colocar, perante os nossos olhares assombrados, a cultura de uma região e de um povo, entre a frustração do seu destino e a riqueza do seu conteúdo humano e cultural.

Barroso ou Gostofrio, consoante o patronímico a que o escritor recorre, é sempre o mesmo espaço encantado e desencantado, simultaneamente lúdico e real, em écloga prosódica, por onde transitam crianças e adultos em afirmação de ser, as mais das vezes através de rivalidades e de ódios colectivos entre tendeiros e lavradores, galegos e portugueses, saltimbancos e feirantes, clérigos e paroquianos, monárquicos e republicanos, quadrilheiros e autoridades, contrabandistas e guardas-fiscais, nacionalistas e roxos; enfim, um não acabar de gente em busca incessante de afirmação pelo pão da sobrevivência ou pela riqueza do desperdício; pelo sexo e pela religiosidade; pela vingança e pela dádiva; pela artimanha e pela ingenuidade; pela hombridade e pela cobardia; pelo chiste e pela parábola; pelo domínio e pelo protagonismo; pela justiça e pela liberdade - tudo em arelgado comunalismo.

Assim as *achegas* dos bois, que através do confronto entre as forças animais recria a luta entre os *clãs* solidarizados por um vínculo lúdico, onde dificilmente se sabe quem vence ou quem perde, pois se o *boi* da aldeia se quedou derrotado, a ver vamos quais os homens que irão varrer a feira... - o que nos remete para a circunstância de, nesta similitude ou contingência espacial, se imanamem homens e animais na mesma afirmação de ser.

Em tal espaço, apesar de caracterizado por arremessos de vida instintiva, sob a aparente rotina diária dos trabalhos do campo, se recolhem vastas cambiantes de sensibilidade e de rudeza, sentimentos obscuros e nobres, todos espontâneos, desobrigados de filosofias teóricas e de oportunidade política, antes expressões viscerais e inconscientes de vida.

Sempre vinculado a esta geografia e temática, que só na escrita é inventada ou falaciosa, soube Bento da

Cruz, permanentemente, recheá-la de veros acontecimentos políticos e singulares existências, ora em estrema fereza, ora em adâmica humanidade, recordando, a todo o momento, tanto os trajectos revolucionários que atravessaram a região, como o de Paiva Couceiro, entre outros, quanto a existência dos contrabandistas, em jogo de rato e de gato com as guardas republicana e fiscal e, mais, ainda, a existência dos *fuxidos*, guerrilheiros desertores ou perseguidos, acoitados em terras barrosãs, independentemente do exército que serviam ou eram obrigados a servir.

Assim o título *Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes*, edição que teve o apoio da Câmara Municipal de Montalegre, mas que não ficaria mal se igualmente, colhesse a participação da Xunta da Galicia ou de qualquer outra Conselharia da Cultura de Espanha. De resto, este seu trabalho é de tal monta e minudência que, dificilmente, se poderá admitir não constar ele, doravante, na bibliografia escolhida dos historiadores espanhóis da especialidade.

Em tal mister, ora sob a forma de ficção, ora sob a forma de aspectos monográficos, que na recolha, por exemplo, das *Histórias da Vermelhinha*, celebra uma particular vivência de contos populares atrevidotes, ou ainda em abordagens biográficas, soube Bento da Cruz dotar em tudo quanto escreveu o que de melhor da vida recebeu e herdou de tal espaço, que é como quem diz, com um estilo de sereníssima riqueza e originalidade vocabulares, ao jeito coloquial, a partir, as mais das vezes, de relatos contados e ouvidos durante a cozedura do pão no forno comunal, centro de vida familiar e colectiva, relembrando histórias de arrepiar, de lobos e de humanos, de fanfarronices épicas, por entre não menos épicos relatos de servidão e indigências congénitas, bebedeiras, contrabando, perseguições políticas, de mistura com amores inocentes e pecaminosos, contrapontos entre o profano e o sagrado, passando pelos julgamentos jurídicos e religiosos, varrer de feiras e de mercados, sem constrangimentos ditos civilizacionais, chamando os bodes pelos seus nomes legítimos que, antes de mais e para que conste, se denominam de *cabrões*, em linguagem chã e vernácula - o que, tudo somado, me leva a inscrevê-lo na escola formal de Camilo e, estilisticamente, na de Aquilino, enquanto mentor de um verbalismo serrano, caricatural e picaresco.

Em tal modo de ficcionar, forma e conteúdo constituem um só corpo orgânico, abrangendo homens e animais, pleno de intimidade e de cumplicidade, recorrendo tanto ou mais do que à memória dos seus conterrâneos, à sua própria memória e, particularmente, à da sua meninice, fazendo desta vereda uma estrada real.

Todavia, não tenhamos ilusões: por entre o bucolismo lírico, que dir-se-ia resultante da madre natureza, amável por excelência, realça-se, sobremaneira, o anátema sobre a peculiar configuração sócio-territorial do espaço a que se confina - a começar logo pela infância dos heróis: encantatória, sim, mas para sempre, dir-se-ia, condenada às actividades da lavoura e do pastoreio, com seus intérpretes dormindo ao calha, entre abrigos rochosos, estábulos e palheiros, falsamente despreocupados, exercitando as suas afirmações de ser, ou de domínio, através de acções moralmente condenáveis, seja pelo exercício de violências gratuitas - vazas os olhos dos pássaros - seja pela satisfação das pulsões sexuais sobre os animais domésticos!

Tais heróis, de que *Chispas*, em *Filhas de Loth*, é um bom exemplo, transportam tanto de violência primitiva, quanto de ingenua dádiva inocente, mercê da condição de que se revestem, que é a de simplesmente sobreviverem em clima desumano e solitário, fazendo deles exemplos de marginalidade social inconsciente. Simultaneamente anjos e podengos, fundindo os traços humanos com os animalescos.

A verdade é que, na obra de Bento da Cruz, a todo o momento, assistimos à singular intimidade ou parceria existencial entre o homem e o animal. Um e outro possuem uma existência comum, sendo pertença duma mesma família, a qual, em sua forma primitiva de viver, não separa um do outro. Veja-se o caso de *Jólim*, vítima da cornada da *Ginja*, a vaca-mãe ciumenta da bezerrinha recém-nascida.

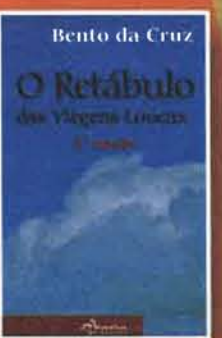
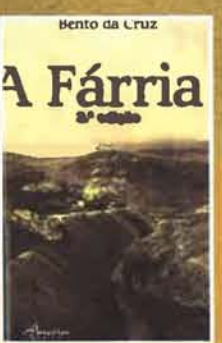
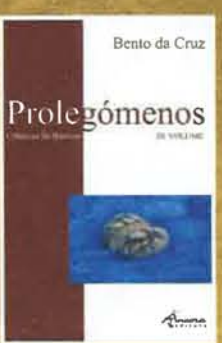
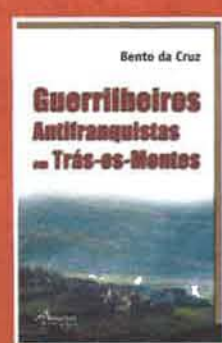
Vinculado a este mundo, que a todo o momento colhe similitude com a terra bíblica, seja através duma visão paradisíaca ou de expiação terrena, com *Picheleta(s)* e *Loba(s)* sempre em extrema miséria, desde a infância à velhice, Bento da Cruz, ao tal retratar, se revela como uma espécie de arqueológico social da região e, consequentemente, o relator último de um tempo irremediavelmente passado ou perdido.

Seja, porém, como for, qual árvore centenária, bem enraizada na fundura da terra, Bento da Cruz foi, por excelência, o escritor barroso, tal como Aquilino foi, por supra excelência, o escritor beirão, Miguel Torga o escritor transmontano, ou João de Araújo Correia, o escritor durienso, todos, sem distinção, criadores de um *humano localizado*, mas nem por isso menos universalista.

Com o seu passamento, a que adiciono o da Luísa Dacosta, a grande Senhora da palavra e do ensino, mais o de António Rebordão Navarro e Serafim Ferreira, inescutíveis ficcionistas portugueses, e agora o de Manuel Dias da Fonseca, melómano e agente cultural inesquecível, Portugal, pelo menos ao norte, está a ruir na sua identidade sociocultural.

PUB

BENTO da CRUZ



Ancora
editora

www.ancora-editora.pt

